

CINEMATECA PORTUGUESA
5 e 12 de Dezembro de 2023
DJIBRIL DIOP MAMBÉTY - CAVALGAR O VENTO

TOUKI BOUKI / 1973

Um filme de Djibril Diop Mambéty

Argumento: Djibril Diop Mambéty / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Georges Bracher / *Cenários e figurinos:* Aziz Diop Mambéty / *Música:* Aziz Diop Mambéty; as canções "Paris, Paris", por Joséphine Baker, "Plaisir d'Amour", por Mado Robin / *Montagem:* Siro Asteni / *Som:* El Hadj M'Bow / *Interpretação:* Magaye Niang (o rapaz), Myriam Niang (a rapariga), Ndou Labia, Ousseynou Diop, Aminata Fall, Moustapha Touré.

Produção: Cinegrit (Dakar) / *Cópia:* da Conemateca de Bolonha, dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original em uólofe com legendas em inglês e eletrónicas em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), 12 Maio de 1973 / Inédito comercialmente em Portugal / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 9 de Novembro de 1995, no âmbito do ciclo "Cinemas de África".

Segunda longa-metragem do realizador, **Touki-Bouki** ("a viagem da hiena") é ao mesmo tempo o ponto central e o ponto culminante do percurso cinematográfico de Djibril Diop Mambéty. Numa entrevista realizada no ano da realização do filme, ele diz que ao fazê-lo "*quis explodir muitas coisas. Estava irritado com a fisionomia do cinema africano, que me exasperava, porque a meu ver escolhia a facilidade. Não me refiro ao plano ideológico, mas à forma. As coisas não são levadas para a frente, nada é abandonado! É esta pequena cólera que deu o seu rosto a Touki-Bouki*". Hoje considerado um clássico e, por este motivo, restaurado pela Fundação Scorsese (infelizmente, como poderá constatar o espectador, com uma imagem demasiado asseptizada e sem que os traços dos rostos negros sejam distintos, exceto em grande plano), o filme foi bem recebido à época nos festivais de Cannes e Moscovo, mas violentamente rejeitado pelo público senegalês, ao qual pareceu excessivamente fora das normas narrativas, além de violar demasiados tabus morais. Depois de realizar este extraordinário momento de cinema aos vinte e sete anos, Djibril Diop Mambéty foi condenado a vinte anos de silêncio.

O realizador (nascido em 1945 e morto prematuramente em 1998), filho de um sacerdote muçulmano, é um autodidata em cinema (fez um curso para ser ator de teatro), que descobriu de modo peculiar: ouvindo o banda sonora de filmes indianos e de westerns e imaginando as imagens: "*No bairro onde cresci, havia um cinema ao ar livre, o ABC. Eu tinha cerca de oito anos e não nos era permitido ir ao cinema porque o bairro era considerado perigoso. Mas ainda assim escapávamos e íamos. Como não tínhamos dinheiro para comprar um bilhete, ouvíamos os filmes, do lado de fora do cinema. Talvez por isto eu dê tanta importância ao som nos meus filmes, pois ouvi muitos filmes antes de os ver. Para mim, tudo realmente começou com a música dos westerns e quando vi pela primeira vez um western, quis fazer filmes*". Aos dezasseis anos, o jovem senegalês constatou que os professores negros do liceu podiam ser tão repressivos quanto os brancos, facto que o surpreendeu e o fez abandonar para sempre os estudos, deixando também o lar paterno: "*o mundo tornou-se o meu lar, um belo lar*". Em 1966, dá-se um choque decisivo: o Festival de Artes Negras, em Dakar, organizado por iniciativa de Léopold Senghor, como coroamento do movimento da Negritude, lançado nos anos 30 por intelectuais de que fazia parte o próprio Senghor, movimento que Djibril Diop Mambéty define como uma "*resposta artística, sobretudo através da literatura, ao racismo e à denigração da África*". Ao descobrir que era filho de uma importante civilização, ele sentiu "*abrirem-se as portas do universo*". Como se vê, a aventura cinematográfica de Djibril Diop Mambéty vai muito mais longe do que a simples ambição profissional.

Em **Touki-Bouki** longe dos *filmes da cabaça* ou da "poesia" de certos filmes que evocam antigos mitos, Djibril Diop Mambéty narra as aventuras picarescas de um par de amantes que

persegue a miragem da mítica cidade de Paris: no desenlace, a mulher partirá e o homem, que tinha feito todos os esforços necessários para a concretização do sonho, permanecerá em África: de modo não muito enigmático o último plano, num *paralítico*, é idêntico ao primeiro. O périplo dos protagonistas é semeado pelas mais diversas peripécias tiradas do dia a dia e que muitas vezes foram improvisadas a partir de histórias narradas ao realizador durante as filmagens: os dois heróis encontram uma megera do bairro de lata onde vivem e com quem ele tem uma dívida, vêem-se às voltas com estudantes de esquerda que os consideram "alienados", com um polícia corrupto e com um divertido homossexual da alta burguesia, roubam a caixa com as receitas de um acontecimento desportivo (que afinal, não era a caixa certa) e o fruto destas aventuras permite-lhes empreender a viagem. Mas embora desenrole uma história em três partes, o realizador não se satisfaz com um fio narrativo linear, faz questão de emaranhar este fio. O resultado é um filme cuja estética é resolutamente fragmentária, com montagens paralelas, *flash backs*, breves passagens aparentemente desligadas da trama principal, temas visuais recorrentes, *leit-motifs* musicais. Por isto, alguns espectadores associam este filme a **Pierrot le Fou** e aos seus protagonistas absolutamente amorais, embora segundo o assistente de realização o filme que pode ser posto em analogia com **Touki-Bouki** seja **Easy Rider**, não apenas pela presença das motas, mas também pela recusa dos protagonistas em se submeterem ao jugo ideológico dominante, pela busca sem direção da felicidade, a vontade de evasão, ainda que o filme também contenha uma atitude irónica em relação aos seus protagonistas. Djibril Diop Mambéty fez brotar o seu filme da sua imaginação, ao invés de ilustrar um esquema já existente, seguindo um itinerário que parte do real e vai sempre em direção ao imaginário. É um cineasta que se interroga sobre a linguagem cinematográfica, que experimenta formas e não se submete a cânones aceites, razão pela qual **Touki-Bouki** é um objeto realmente insólito no panorama dos cinemas africanos, pois nasceu de um impulso de libertação pessoal e a sua principal referência é o próprio cinema, não através da cinefilia, mas da descoberta das possibilidades de uma linguagem à medida que se cria. Os debates sobre *tradição* e *modernidade* que imperavam no cinema africano os anos 60 e 70 não interessam Djibril Diop Mambéty em absoluto: simplesmente não existem, nem fazem sentido no seu cinema.

Por outro lado, embora a analogia com **Pierrot-le-Fou** nada tenha de absurda, as referências não-africanas talvez não sejam de grande utilidade diante deste filme. Veja-se, por exemplo, a eficaz simplicidade com que o realizador enraiza o protagonista no contexto africano: a sua moto é ornamentada por um imponente par de cornos de zebu, animal que vemos no plano de abertura e nas imagens recorrentes do matadouro. Veja-se como recursos do cinema *de vanguarda* permitem definir uma pluraridade de espaços (bairros de lata, bairros abastados, clubes, savanas, praias), de um modo que não se parece ao de nenhum outro realizador do continente negro. Veja-se o humor do comentário musical "parisiense", com uma canção de Josephine Baker, esta negra que é um dos símbolos de Paris no século 20, "*Paris, Paris, Paris, c'est sur terre un coin de paradis*", ironizando sobre o sonho dos protagonistas e sobretudo "*Plaisir d'amour ne dure qu'un moment, chagrin d'amour dure toute la vie*", comentando a malograda tentativa do rico homossexual, a quem o protagonista está disposto a alugar-se mas a quem prefere roubar. Veja-se o modo oportuno como são mostrados os pequenos burgueses franceses, ridículos *petits blancs*, que se sentem superiores aos africanos ("*eles ganham três vezes menos do que nós mas não têm as mesmas necessidades*"), no tombadilho do barco, sequência de efeito muito mais eficaz do que qualquer filme "militante" realizado à época. Esta pluralidade de elementos estilísticos é concatenada com enorme talento durante uma hora e meia de cinema e faz com que, meio século depois da realização de **Touki-Bouki**, o nome de Djibril Diop Mambéty seja associado à ideia de vanguarda em cinema, um aspecto sobre o qual ele deu uma bela resposta numa entrevista de 1995: "*O que significa a vanguarda? A noção pode designar um homem que acorda de madrugada para ver o sol raiar, enquanto outros continuam a dormir. Ou seja, alguém que não está satisfeito e continua a buscar. É uma busca perpétua, uma sede que nunca pode ser estancada*".

Antonio Rodrigues